



Restaurante Leite: 130 anos que engrandecem Pernambuco

Alexandre Santos

Discurso proferido em setembro de 2012, por ocasião da solenidade que consagrou o Restaurante Leite, no centro do Recife, no inventário dos imóveis de interesse da cultura literária pernambucana.

Minhas senhoras e meus senhores,

As homenagens são indicadores que orientam a sociedade sobre símbolos e modelos a serem seguidos nos diversos campos do relacionamento. Muitas vezes, por falta de um desses indicadores, exemplos notáveis passam despercebidos em fenômeno injusto e improdutivo, pois, além de apontar ingratidão, deixa esvair a possibilidade de divulgação de marcos capazes de orientar bons caminhos. Por isso, nestes últimos tempos, ao lado das atividades literárias e políticas que constituem a sua razão de ser, a União Brasileira de Escritores (UBE) vem se empenhando em destacar ícones relacionados às artes de ler e de escrever, criando um belo portfólio de recomendações.

Nesta perspectiva, no início da década, no ano em que o País comemorou a 50ª edição do Dia Nacional do Escritor, garantidos ambientes para homenagens a personalidades da literatura, como, por exemplo, a Ordem do Mérito Literário Jorge de Albuquerque Coelho - confraria que reúne o que existe de melhor na literatura pernambucana, em quadro que ostenta a presença de autores como Ariano Suassuna, Marcus Accioly, Gilvan Lemos, Fátima Quintas, Raimundo Carrero, Frederico Pernambucano de Melo, Waldênio Porto e Olímpio Bonald Neto -, a União Brasileira de Escritores começou a destacar imóveis e localidades de interesse cultural, cuja história e dinâmica guardam intimidade com o universo literário, transmitindo, então, novas mensagens sobre comportamentos capazes de produzir impactos positivos na preservação e no desenvolvimento da cultura literária.

Neste caso, a partir do parecer conclusivo de uma comissão de certificação, a UBE reconhece a importância cultural do espaço, autorizando a realização da solenidade que o consagra como 'Local de Interesse Literário' em cerimônia materializada através de assentamentos no Livro de Inventário e aposição da placa que atesta a inclusão no Patrimônio da Cultura Literária de Pernambuco.

Hoje, a UBE acredita o Restaurante Leite, o mais antigo em funcionamento no Brasil, como Local de Interesse Cultural e o consagra como Patrimônio Literário de Pernambuco, atribuindo-lhe as homenagens de direito, proclamando sua importância, recomendando atenção em preservá-lo e, finalmente, conclamando a merecida reverência à sua história e memória.

Há muitas razões para isso.

Na verdade, este galardão, só agora reconhecido e consagrado, vem sendo construído desde 13 de outubro de 1882, quando, fundado pelo chefe Manuel Leite recém chegado de Portugal, o restaurante passou a fazer a festa dos paladares mais exigentes da Província, atraindo grande e fiel clientela com receitas trazidas d'além mar e incorporando, pouco a pouco, sabores da terra para criar um cardápio variado que, hoje - parceiro e artífice, criador e criatura de parte significativa da tradição culinária pernambucana - destaca a gastronomia regional.

Em pouco tempo - num processo crescente, iniciado sob a incandescência contagiante da Belle Époque e que, sem perder brilho, ganhou impulso a partir de 1956,

quando, também chegado de Portugal, Armênio Ferreira Dias, o adquiriu e, agora, com a presença cada vez maior de Mônica Dias, a sua filha - o apuro da gastronomia e a cordialidade do atendimento tornaram o Leite em ponto de encontro prestigiado, terminando por gerar um 'charme dentro do charme'. E, desde sempre, numa relação na qual causas e efeitos cambiam posições, o Leite passou a exercer magnetismo porque era charmoso e se tornou mais charmoso pelo magnetismo que exercia sobre a clientela. Neste embalo, políticos, empresários, intelectuais, embaixadores, ministros, governadores e, mesmo, presidentes da república, como Juscelino Kubitschek, escolheram o Leite para encontrar amigos, aconselhar e por eles ser aconselhado, reforçando o glamour e encanto do local.

Nunca é demais lembrar que ostentar 130 anos de fundação num país cuja ocupação foi iniciada há apenas 512 anos significa ter acompanhado mais de 25% da sua história. E isso diz muita coisa. Diz, por exemplo, que, contemporâneo de eventos ocorridos em três séculos - final do século XIX, o século XX por inteiro e, todo período já transcorrido do século XXI - e testemunha de efemérides que marcaram o final do segundo milênio e, com renovado vigor, das mesmices e sandices, avanços e recuos e evoluções e revoluções deste terceiro milênio, o Restaurante Leite foi e vem sendo palco de grande parte das articulações, entendimentos, acordos e tramas levadas adiante em nossa terra, sendo, portanto, coadjuvante de alguns dos mais importantes episódios da história do Brasil.

Com efeito, pelos salões do Leite, no desfrute do ócio criativo (citado por Domenico di Mazzi como responsável pela expansão do Império Romano) ou na labuta de requintados almoços-de-negócio (usados por Milton Friedmann como símbolo da máxima liberal de que "não existe refeição grátis"), transitaram em diversos graus de regularidade alguns dos principais personagens da vida política, econômica, social e cultural do País, em conversas que definiram o rumo e, muitas vezes, o destino da Nação. Em encontros no ainda neófito Restaurante Leite, por exemplo, Joaquim Nabuco tramou contra a escravatura, ajudando a criar o ambiente que levou à Lei Áurea, ante-sala da crise que provocou a debâcle do Império e consequente Proclamação da República.

As paredes que hoje recebem a merecida placa de reconhecimento atestando a importância cultural do Restaurante Leite estão impregnadas pela personalidade e pela vida de seus clientes. Assim, delas emana um pouco do sentimento poético de Medeiros e Albuquerque, da sagacidade de Gilberto Freyre, do gênio de Manuel Bandeira, da universalidade de João Cabral de Melo Neto, da suavidade de Joaquim Cardozo, da poesia lírica de Olegário Mariano

Se essas paredes pudessem falar, talvez contassem os encontros de que foram testemunhas, escancarando segredos cochichados pelas jovens inspiradoras de Ascenso Ferreira, entoassem os acordes sofredos por Capiba para embalar estribilhos compostos por Geraldino Brasil, as juras de amor declamadas por Esdras Farias, os pecados mundanos confessados por Pedro Xisto, a quebra de antigos tabus, como no dia em que, ainda no início do terceiro quartel do século passado, passou a atender mulheres desacompanhadas. Se essas paredes pudessem falar, talvez ajudassem a decifrar a magia desenhada no ar pela fumaça bafurada dos charutos de Waldemar Lopes, os sonhos despertados pelos conhaques bebericados por William Ferrer, o clima romântico dos encontros furtivos entre musas e poetas que quiseram permanecer no anonimato.

Quantos livros poderiam ter sido escritos ou reescritos se essas paredes revelassem as verdades que testemunharam? Quantas histórias surgiriam e quantas versões se alterariam? Mas, destruindo o sonho dos historiadores, as paredes não falam. O silêncio como [as paredes] retrucam às perguntas e suspeitas, no entanto, cria um universo de possibilidades, abrindo um vasto caminho para a fantasia que alimenta a arte. E cada um, segundo a própria inclinação artística, faz o seu retrato. No campo literário, o escritor preenche as lacunas deixadas pela discrição das paredes com aquilo que poderia ter acontecido. Assim, além de servir de plataforma concreta para o desenvolvimento da cultura literária [uma contribuição direta, portanto], ao encerrar mistérios jamais revelados, o restaurante Leite oferece um outro tipo de contribuição à arte de escrever, pois carrega

encantos capazes de alimentar a veia literária dos escritores, dando-lhes a chance de soltar a imaginação para narrar como o mundo teria girado nestes 130 anos.

Como uma obra de arte [que passa ao domínio dos admiradores ao deixar as mãos do artista que a produziu], ao compor o panorama cultural da região, integrando o cenário e o imaginário associado a história da terra, fazendo parte do orgulho que os pernambucanos sentem do seu Estado, em certa medida, hoje, o Restaurante Leite não pertence apenas a seu proprietário, sendo um patrimônio cultural da região e, nesta perspectiva, como diz a Placa de Reconhecimento, deve ser preservado e reverenciado.

(*) Alexandre Santos é presidente da União Brasileira de Escritores